

O papel da identidade para a manutenção do Pomerano em duas localidades da Serra dos Tapes, RS.

DAIANE MACKEDANZ¹; LUÍS ISAÍAS CENTENO DO AMARAL²

¹ Universidade Federal de Pelotas - Programa de Pós-Graduação em Letras: Área de Estudos da Linguagem - daiane.mack@gmail.com

² Orientador - Universidade Federal de Pelotas – Centro de Letras e Comunicação - luis.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Sociolinguística, área na qual este estudo se insere, considera a língua um fato social, cujas normas são compartilhadas pelos membros de uma comunidade linguística no ato da interação verbal e que por isso desempenha função importante na formação de grupos e classes sociais, revelando e constituindo ao mesmo tempo suas características culturais, sua visão de mundo. Partindo-se desse pressuposto, a variação da língua é considerada como parte do sistema linguístico de seus falantes, interessando à Sociolinguística então investigar como e porque os fatores sociais estão envolvidos nos processos sistemáticos de mudança linguística (AMARAL & BORGES, 2006; LABOV, 2008). A escola é, nessa perspectiva, cenário e ao mesmo tempo personagem dos processos de mudança linguística. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), a escola ensina a variedade padrão, a qual difere muitas vezes da variedade trazida à sala de aula e falada pelos alunos em sua comunidade de fala, o que em muitos casos se relaciona ao sucesso e/ou fracasso escolar de alunos advindos de uma situação social desprestigiada, cujo padrão de fala difere daquele adotado pela escola e pelo professor em sala de aula.

Desse modo, a Sociolinguística Educacional faz uso do conceito de **cultural responsive pedagogy**, cunhado por Erickson e traduzido por Bortoni-Ricardo como **Pedagogia Culturalmente Sensível**. Seu objetivo é ajustar os processos interacionais de modo a criar em sala de aula e entre seus membros um ambiente de aprendizagem em que padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas já pertencentes à cultura do aluno possam se desenvolver. Esse ajustamento facilitará a transmissão de conhecimento, uma vez que se ativam, desse modo, processos cognitivos associados aos processos sociais familiares aos alunos (BORTONI-RICARDO, op. cit.). Breunig (2007), em seu estudo na localidade de descendência alemã Santa Maria do Herval, RS, apontou o **bilíngüismo** alemão-português como estratégia pedagógica culturalmente sensível adotada pela professora em uma turma de 1^o ano do ensino fundamental, cujos alunos em sua maioria ingressaram na escola ou como monolíngües alemão ou como bilíngües alemão/português. Os turnos de alternância de código do alemão para o português, desenvolvidos intuitivamente pela docente, acordam com a PCS principalmente por configurarem em estratégias de ratificação do aluno falante de uma língua étnica, ao mesmo tempo em que suas características sociolinguísticas e culturais são respeitadas.

A língua étnica (Hunsrückisch), trazida à escola pelas crianças em Santa Maria do Herval, configura em sua língua materna (LM). Desse modo, a língua materna caracteriza o indivíduo e está intimamente ligada à sua identidade, pois age como uma manifestação identitária pessoal e intrínseca ao indivíduo, caracterizando-o na sociedade pelo modo como ele a usa e quão bem a domina (SPINASSÉ, 2007). Nesse sentido, em contextos bilíngües como o acima citado,

a PCS relaciona-se com a construção da identidade da criança, uma vez que a valoração ou não da LM dos alunos pela escola/docente(s) pode influenciar tal processo. Isso se deve ao fato de a identidade constituir-se intersubjetivamente e durante a interação linguística no próprio contexto local de interação, associando-se a aspectos sociais, culturais e conjunturais (BOURDIEU, 1996 *apud* AMARAL, no prelo).

Partindo desses pressupostos, este estudo pretende justamente discutir como ocorre a construção da identidade em crianças bilíngues e monolíngues Pomerano/Português, ingressantes na vida escolar e que por isso se deparam com uma realidade social e linguística diferente de seu contexto familiar habitual, e como essa construção/processo se relaciona com a manutenção ou não do Pomerano. Desse modo, objetiva-se mais especificamente verificar nas comunidades rurais e interioranas com descendência alemã/pomerana do sul do RS, Cerrito (município de Arroio do Padre) e Santa Augusta (São Lourenço do Sul), o papel desempenhado pela língua na construção de padrões identitários em crianças monolíngues Pomerano e/ou bilíngues Pomerano/Português que estão iniciando na vida escolar. Duas escolas, E.M.E.F. Martinho Lutero (em Sta. Augusta) e E.M.E.F. Silveira Martins (situada em Cerrito) serão visitadas periodicamente, sendo que nessas ocasiões serão observadas duas turmas de 1º ano do ensino fundamental, uma em cada instituição.

2. METODOLOGIA

A Etnografia da Fala, originária da Antropologia durante o século XIX e sendo incorporada à Educação na década de 1960, constitui nosso pressuposto metodológico basilar. O estudo etnográfico caracteriza-se pela descrição de uma cultura, podendo esta ser a de uma sala de aula. Para isso, objetiva-se descrever e analisar os eventos da perspectiva dos sujeitos neles envolvidos, mais especificamente, os significados desses eventos para seus membros. Nesse sentido, segundo Bogdan e Taylor (1975) e Lapassade (1991, 1992, 2001), citados por Fino (2008), a etnografia é, enquanto método, definida principalmente pela **observação participante**, ou seja, por uma investigação em determinado período, durante o qual o investigador e seus sujeitos mantêm interações sociais intensas. Logo, o observador é alguém que *imerge* pessoalmente na vida do(s) local(is), partilhando assim as suas experiências.

A coleta dos dados ocorrerá em dois períodos: agosto - dezembro de 2014 e fevereiro - julho de 2015. Durante o primeiro período, as aulas das duas turmas de 1º ano do ensino fundamental serão observadas, bem como a professora responsável pelos alunos da E.M.E.F. Martinho Lutero enviará por e-mail um semanário, relatando eventos de fala em Pomerano e/ou Português de seus alunos. No ano vindouro, duas novas turmas de 1º ano serão observadas, uma em cada instituição de ensino, e as aulas serão então gravadas em vídeo, mediante prévia autorização da escola e dos responsáveis pelas crianças. Além disso, pelo fato de a escola Martinho Lutero oferecer a seus alunos a partir do segundo ano do ensino fundamental aulas de Pomerano, a turma que em 2014 ingressou nos estudos mas que estará em 2015 no 2º ano também será observada e os encontros, gravados em vídeo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foi estabelecido um primeiro contato com a escola de Santa Augusta e com a respectiva docente da turma de 1º ano. Na ocasião, foram

observadas duas aulas, uma com os alunos de 1º ano (turma A) e outra de Pomerano, com crianças no 2º ano do fundamental (turma B), sendo aqui destacado o primeiro contato com a turma A. Essa classe é composta por 21 alunos, dos quais 7 chegaram à escola como monolíngues pomerano, 5 como monolíngues português e os demais, 9 alunos, como bilíngues pomerano/português. A partir dessas informações, pode-se inferir que o Pomerano ainda configura a língua falada na comunidade e que por isso detêm algum prestígio entre seus membros, visto que as crianças aprendem o Pomerano em seu contexto familiar. Inclusive, nesta primeira observação, durante a hora do lanche, as crianças interagiam principalmente em sua LM, o Pomerano. Por outro lado, é interessante observar que o número de crianças bilíngues que chegam à escola também é significativo, apontando uma situação bilíngue em Sta. Augusta, uma vez que o Português, como língua nacional e por essa razão falada na escola, vem ganhando um espaço maior dentro da comunidade.

No que diz respeito à interação aluno-aluno e professor-aluno na sala de aula da turma A, constatou-se alternância de código do Português para o Pomerano entre professor e alunos, especialmente para com as crianças monolíngues Pomerano que ainda apresentam pouco domínio do Português. Destaca-se o seguinte episódio: ao ser questionado em Português pela docente quanto às atividades que desempenhava com os pais em casa, o menino compreendeu a primeira pergunta, porém respondendo-a em Pomerano. Após, a professora realizou outra indagação, também em Português, no entanto, esta a criança não compreendeu. Imediatamente, a menina sentada ao lado repetiu em Pomerano para o colega a pergunta feita pela docente. Essa interação bilíngue entre tais indivíduos aponta que a alternância de código não é estigmatizada em sala de aula, uma vez que ambas as crianças se sentiram a vontade para empregarem sua LM. Logo, a alternância de código por parte da professora acorda com a pedagogia culturalmente sensível, estabelecendo um ambiente favorável à construção da identidade étnica nas crianças, o que se refletiu nos usos linguísticos em sala de aula por parte dos alunos, especialmente aqueles monolíngues Pomerano e bilíngues Pomerano/Português.

Outro aspecto observado ao chegarmos na escola Martinho Lutero foi a significativa preocupação da instituição com a preservação do Pomerano, uma vez que no corredor de entrada haviam vários cartazes alusivos a Copa do Mundo no Brasil, interessante, escritos em Pomerano pelos alunos. Além disso, a escola passou a oferecer em 2014 aulas de Pomerano aos seus alunos. Essas ações, ao mesmo tempo em que podem criar um ambiente acolhedor, podem despertar nos alunos um sentimento de valorização, influenciando a sua construção intersubjetiva durante a interação nesse contexto social. Logo, as ações políticas e sociais da instituição de ensino podem influenciar as concepções da própria comunidade acerca de sua língua étnica em meio a um contexto nacional em que o Português detêm um prestígio maior. Conforme salienta Altenhofen (2004), as atitudes da escola, nesses contextos bilíngues, com relação à identidade social e individual dos alunos influenciam consequentemente as micro-decisões de cunho político empreendidas pelos membros da comunidade. Em âmbito familiar, essas atitudes e concepções linguísticas acabam sendo assimiladas pelos pais que, na qualidade de bilíngues, tomarão a decisão de ensinar ou não seus filhos a língua étnica.

4. CONCLUSÕES

As discussões acima podem ser consideradas hipóteses para a análise posterior dos dados. Nesse sentido, a escola, concebida como local de desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade, ao legitimar determinado uso linguístico, dando-lhe sustentação, torna-se um mecanismo de construção da identidade e também torna a língua (Pomerano) um instrumento instaurador de identidade. Desse modo, a abordagem da pedagogia culturalmente sensível nos auxilia a colocar em questão os usos linguísticos legitimados pela escola e principalmente o tratamento que eles recebem em sala de aula, visto que a norma 'padrão' ainda é fortemente preconizada no contexto de ensino brasileiro. Quanto às comunidades bilíngues *locus* desta investigação, o prestígio ou a estigmatização da língua materna das crianças monolíngues Pomerano ou bilíngues Pomerano/Português por parte da instituição de ensino pode influenciar a constituição dos padrões de identidade desses indivíduos com relação aos usos linguísticos de sua LM, no caso o Pomerano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no sul do Brasil.** In: Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI), Frankfurt am Main, v. 1, n. 3, p. 83-93, 2004.

AMARAL, L. I. C.. **Marcadores linguísticos de gênero e sua relação com a adesão escolar de meninos impúberes.** (no prelo).

AMARAL, L. I. C.; BORGES, P. R. S.. **Sociolinguística Educacional: confluência e defluência.** Pelotas: Editora da UFPel, Caderno de Letras, v. 24, n. 12, p. 89-99, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BREUNIG, Carmen Grellmann. **“Eu tenho que falar alemão, senão eles choram!” Bilinguismo como pedagogia culturalmente sensível.** In: Calidoscópio, Vol.5, n.1, p.31-44, jan/abr 2007, by Unisinos.

FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais.** In: Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) *Educação e Cultura.* Portugal: Funchal, DCE – Universidade da Madeira, p. 43-53, 2008. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>. Acessado em: 30 de maio de 2014.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PUPP SPINASSÉ, Karen. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo.** In: Revista Conexão Letras. Porto Alegre: PPG-Letras, UFRGS, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/20697>. Acesso: 4 de outubro de 2013.